

NOSSOS CLÁSSICOS

PAUL VIDAL DE LA BLACHE

(1845-1918)

A Geografia Humana Vidaliana e a Ciência Moderna em finais do século XIX e início do XX

O geógrafo francês Paul Vidal de la Blache dispensa apresentações. Entretanto, para o leitor brasileiro, talvez seja necessário relativizarmos esta afirmação, dadas as poucas traduções para a língua portuguesa de seus vários textos e livros. *Princípios de Geografia Humana* é o único livro disponível no idioma de Camões e, espalhados alguns artigos aqui e acolá¹, nada mais nos resta senão a leitura no original francês.

O que conhecemos sobre Vidal? Fundamentalmente, que a Geografia estuda as relações do homem com o meio; a ênfase nas mudanças lentas (as “permanências”, com destaque para o mundo rural); e seu vínculo político e institucional junto ao Estado Nacional — ele apóia a colonização e ocupa os principais postos de ensino de sua época.

De uma forma ou de outra, o presente texto não escapa de outras características já identificadas no pensamento vidaliano, como a descrição, a importância das localizações e o papel da circulação (cf. ROBIC, 1996-7). Todavia, *Routes et Chemins de l'ancienne France* lança luzes sobre um aspecto a ser explorado da obra de Vidal e sobre uma dimensão negligenciada pela Ciência Moderna: a questão cultural.

¹ Na coletânea de textos reunida por Christofolletti encontra-se o clássico *As Características Próprias da Geografia* (VIDAL DE LA BLACHE, 1982), publicado em 1913 nos *Annales de Géographie*, revista criada pelo próprio Vidal em 1891. A revista *GEOgraphia* tem se esforçado em disponibilizar alguns de seus trabalhos, tais como “Quadro da Geografia da França (fragmentos)”; “O Princípio da Geografia Geral”; “A Propósito dos Escritos de Friedrich Ratzel” e “Os Gêneros de Vida da Geografia Humana (primeiro artigo)”, respectivamente nas suas edições n° 1, 6, 7 e 13.

Paul Claval já havia reconhecido a contribuição de Vidal como uma das matrizes genéticas da Geografia Cultural (CLAVAL, 2003), vertente cujos pilares filosóficos são exatamente as contracorrentes da Modernidade, como o Romantismo e a Fenomenologia (cf. GOMES, 1996) Neste sentido, a Geografia Humana vidaliana assume, por assim dizer, uma feição híbrida. Sim, pois ao mesmo tempo em que se propõe a superar as tradicionais narrativas de viagem, sistematizando o conhecimento geográfico, configurando um campo de atuação e delimitando seu objeto, incorpora um espiritualismo eclético que rejeita o positivismo e o mecanicismo (cf. BERDOULAY, 1995: 201-227). Assim, ao resgataremos as palavras do geógrafo britânico Nigel Thrift de que a Geografia de Vidal é “um hino à França dos camponeses”² (THRIFT, 1996:218), articuladas com o fato de que seus escritos justificavam ideologicamente o movimento de valorização das peculiaridades regionais, que se contrapunha à excessiva centralização e modernidade parisienses (THIESSE, 1995), constatamos sua desconfiança (o que não significa *negligência*) para com o advento do mundo urbano-industrial e as consequências da Modernidade como um todo.

É nesse contexto que devemos interpretar o artigo em tela, que reorienta o foco para os *pays*, para as especificidades – irredutíveis a qualquer generalização – que encontramos de lugar em lugar. Os espaços de experiência do homem comum são aqui resgatados, sublinhando suas práticas que criam geografias tanto materiais quanto imaginárias. Exaltada a França, cuja geografia favorece a circulação, as trocas e a sociabilidade entre seu povo, é exaltado também o campo do imaginário e do simbólico através dos peregrinos, da pintura e dos ditados populares.

Enfim, o que temos é um belo texto de Geografia Cultural. Mas também de Geografia Histórica. De Geografia Econômica. De Geografia Humana. Das várias Geografias que a fragmentação moderna não conseguiu dissolver pela Razão. Tão rico quanto a obra de seu autor.

Guilherme Ribeiro

BIBLIOGRAFIA

- BERDOULAY, Vincent. 1981. *La formation de l'école française de géographie*. Paris: Éditions du CNRS.
- CLAVAL, Paul. 2003. A contribuição francesa ao desenvolvimento da abordagem cultural na Geografia. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENTHAL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

² Embora saibamos que, no decorrer de seus escritos, Vidal incorpora várias conceituações da *região* (cf. ROBIC e OZOUF-MARIGNIER, 1995).

- GOMES, Paulo César da Costa. 1996. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ROBIC, Marie-Claire, OZOUF-MARIGNIER, Marie-Vic. 1995. La France au seuil des temps nouveaux. Paul Vidal de la Blache et la régionalisation. *L'Information Géographique*. Paris, vol. 59.
- ROBIC, Marie-Claire. Éloge de la circulation. *Strates* [On line]. Crises et mutations des territoires, nº 9. 1996-97. [<http://strates.revues.org/document619.html>]
- THIESSE, Anne Marie. 1995. "La petite patrie enclose dans la grande": regionalismo e identidade nacional na França durante a Terceira República (1870-1940). *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15.
- THRIFT, Nigel. 1996. Visando o âmago da região. In: GREGORY, Derek, MARTIN, Ron, SMITH, Graham (orgs.). *Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. 1921. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos.
- . 1982. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel.